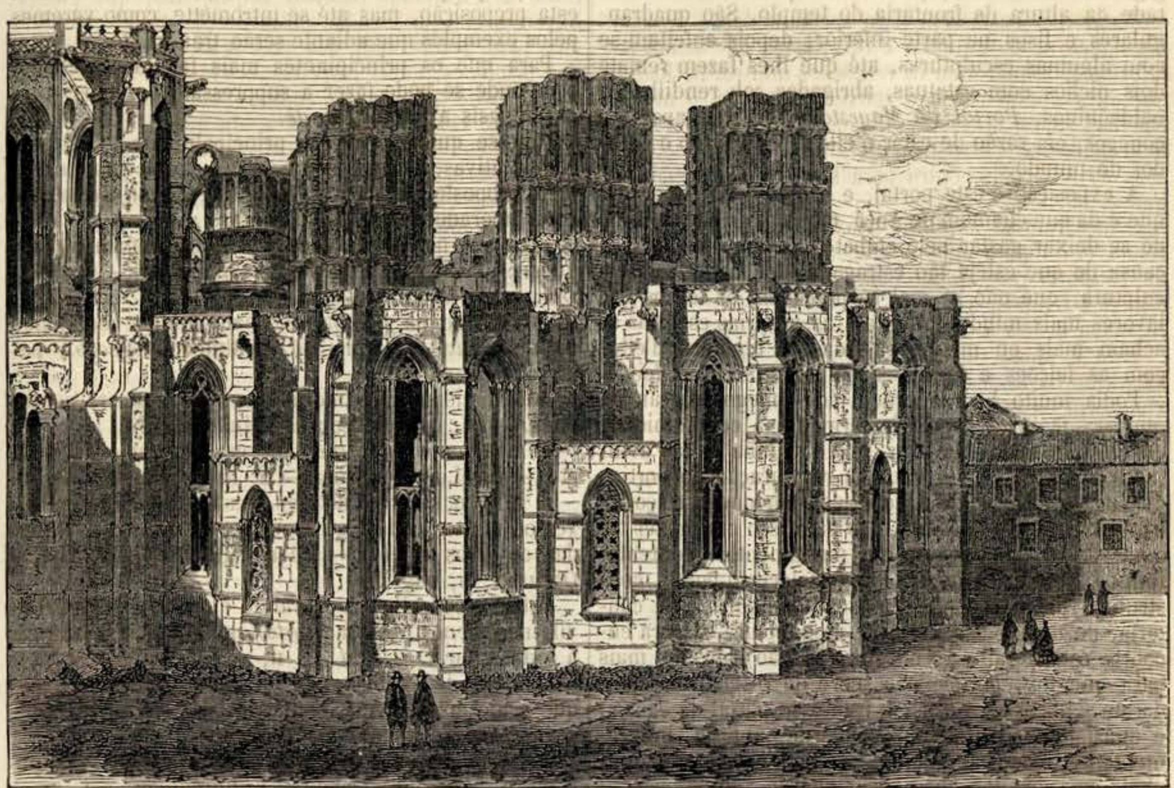


Capellas imperfeitas da Batalha, vistas exteriormente

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VICTORIA VULGARMENTE CHAMADO DA BATALHA

(Vid. pag. 274)

XI

REFEITORIO E ADEGA

Estas duas casas são egualmente obra del-rei D. João I.

O refeitorio, como já dissemos, e se vê na planta geral do edificio a pag. 125, acha-se junto ao claustro. É um edificio rectangular, que acompanha o lanço do claustro do lado de oéste em pouco mais de metade do seu comprimento. No angulo d'este lanço fica a porta do refeitorio, tendo na frente a esbelta fonte de que fallámos a pag. 275.

Tem de comprimento esta casa perto de 30^{m}, e de largura pouco mais de 7^{m}. A sua abobada é de pedra artezoada com florões nos remates, como a do templo. A parede é toda rasgada em janellas com seus lavores, que fazem a casa muito clara e alegre.

A adega está fabricada com egual grandeza. Corre parallela ao lanço do norte do claustro real, em uma extensão de 38^{m}, sobre 9^{m},50 de largura. Cobre-a uma bem construida abobada de pedra artezoada.

XII

CLAUSTRO DE D. AFFONSO V, E DORMITORIOS

A projecção horisontal d'este claustro é quadrada. Fica ao norte do claustro real, servindo de separação a adega. É um pouco mais pequeno que este ultimo, tendo de comprimento por cada lanço 44^{m},50.

Pondo de parte a solidez com que está construido, não se póde comparar este claustro com o primeiro em magnificencia, nem em belleza. Todavia, singelo como é, tem o merecimento de nos mostrar um spécimen da architectura no reinado de D. Affonso V, do qual nos restam tão poucos monumentos, ou, para fallar com mais propriedade, tão poucos fragmentos de edificios; ou seja porque este monarcha, sempre entretido e preoccupado com as guerras de Africa e Castella, se descuidasse de deixar commemorado o seu nome em edificações esplendidas; ou porque el-rei D. Manuel, seu sobrinho, lh'as desfez ou alterou nas reconstrucções que emprehendeu e levou a cabo por todo o reino.

Um escriptor nosso do seculo XVII [1] attribue, sem fundamento, este claustro a el-rei D. João II. Ainda quando não houvesse documentos escriptos com que refutar esta opinião, bastaria para isso examinar com alguma attenção este segundo claustro. Quem lhe observar as abobadas, achará o *rodizio* que D. Affonso V tomou por sua divisa, esculpido em diversos florões, onde rematam os artezões da mesma obobada; e em dois dos seus angulos o escudo das armas reaes tal qual se usou n'este reinado.

Cremos, pois, que este claustro foi começado por el-rei D. João I, ou, talvez, por seu filho, el-rei D. Duarte. Porém, coube ao neto do fundador, el-rei D. Affonso V, o proseguimento e conclusão d'esta obra, conjunctamente com os dormitorios e várias officinas que acompanham e guarnecem o dito claustro.

Toda esta fabrica superior contrasta singularmente por acanhada e pobre com o grandioso monumento del-rei D. João I, que tão nobre e galhardamente se ergue ao seu lado.

[1] Fr. Pedro Monteiro, no *Claustro Dominicano.*

XIII

CLAUSTRO DE D. JOÃO III, NOVICIADO E HOSPEDARIA

Como não bastassem para accommodação da communidade os dormitorios e officinas a que acima nos referimos, requereram os religiosos a el-rei D. João III que lhes augmentasse o convento. Deferiu o monarcha aos supplicantes, mandando accrescentar ao edificio mais outro claustro, um grande dormitorio, uma casa de noviciado, outra para hospedaria, e mais algumas officinas.

Começaram-se as obras no anno de 1551, concorrendo el-rei para ellas com uma consignação annual de 100$000 réis, quantia que não era pequena para aquelles tempos, em que o alqueire de trigo ainda regulava de 20 a 25 réis, ou pouco mais.

Para a ajuda da mesma obra, impetraram e conseguiram os frades do summo pontifice permissão de venderem os foros da capella do infante D. João, que fôra mestre de S. Thiago, e filho del-rei D. João I.

Ganhou muito o convento em capacidade com estes accrescentamentos, pois que, além da casa dos noviços, ficou possuindo cellas para sessenta religiosos. Porém o monumento nada lucrou, antes perdeu, porque todas essas obras feitas no reinado de D. João III, mais desengraçadas e mesquinhas que as do tempo del-rei D. Affonso V, desdizem completamente da magestade e primor da fabrica del-rei D. João I.

Esta parte do convento foi devastada pelos francezes na invasão de 1811. Das portas e janellas fez lenha para o fogo a soldadesca, e por occasião da retirada deixou o edificio preza das chammas.

Podia o incendio produzir gravissimos prejuizos, se se communicasse a todo o convento. Felizmente destruiu apenas a casaria que nenhum merecimento tinha aos olhos da arte. Estas ruinas nunca foram reparadas, antes tem augmentado com a acção do tempo no correr de mais de meio seculo.

XIV

CAPELLAS IMPERFEITAS

Estas capellas, chamadas *imperfeitas* por terem ficado incompletas, não só não pertencem ao systema das obras primitivas, mas até prejudicaram o templo, detraz do qual se levantam, mascarando e impedindo a vista externa da capella-mór, e roubando ás suas esbeltas janellas o maravilhoso effeito da luz através dos quadros coloridos e transparentes, que constituem uma das melhores bellezas d'aquella magnifica egreja.

Foram construidas estas capellas para servir de pantheon real, onde se recolhessem em mausoléos proprios os corpos dos reis e principes que jazem na capella e casa do capitulo, em tumulos provisorios e indignos da realeza. A sua fundação deu motivo a variedade de opiniões ácerca da epocha e do nome do fundador, não obstante haver documento irrecusavel e auctorisado que os declara.

Fr. Luiz de Sousa, dizendo que o assumpto é controverso, parece inclinar-se a que foi a rainha D. Leonor, mulher del-rei D. João II, a fundadora d'estas capellas, achando-se já viuva, e reinando el-rei D. Manuel, seu irmão. O elegante chronista da ordem dominicana apresenta como fundamento d'esta opinião acharem-se em deposito, sem sepultura propria, os corpos del-rei D. João II e do principe D. Affonso, esposo e filho muito queridos da rainha D. Leonor, e possuir esta soberana, a par de avultados rendimentos, uma alma magnanima.

O cardeal patriarcha D. Francisco de S. Luiz, na sua excellente *Memoria Historica sobre as obras do real mosteiro de Santa Maria da Victoria*, publicada pela academia real das sciencias, diz o seguinte: «Succedeu-lhe (a D. João II) o sr. D. Manuel, e em seu tempo se começaram e levaram ao ponto em que hoje ainda estão as chamadas *capellas imperfeitas*, que parece haverem sido destinadas na mente d'este feliz monarcha para jazigo seu, dos reis seus predecessores e dos principes, cujas respeitaveis cinzas estavam como em deposito na egreja e capitulo, sem accommodação propria e conveniente. Mas ainda que geralmente se convém no tempo da construcção d'esta bella e magnifica obra, não ha, comtudo, opinião bem assentada sobre quem fosse o seu verdadeiro auctor; porquanto, muitos a querem attribuir á sra. D. Leonor, irmã del-rei, e viuva do sr. D. João II, e o proprio fr. Luiz de Sousa parece ter estado indeterminado e perplexo a este respeito, e haver porventura dado occasião á presente incerteza com o que diz no cap. XIX, não longe do fim. Nós não duvidâmos do grande e religioso animo d'esta augusta senhora, nem tão pouco da saudosa contemplação que lhe mereciam os prezadissimos penhores que tinha, sem jazigo proprio, na casa da Batalha; mas não julgâmos que isto seja bastante para lhe attribuirmos a fundação d'aquella obra, nem achâmos monumento, ou testimunho algum que a isso nos persuada; achando na mesma obra, e, por assim dizer, em cada uma das suas pedras, muitos e claros indicios que apontam o sr. D. Manuel como seu seu unico auctor e fundador.»

Todavia, apesar da auctoridade e animo investigador d'estes dois distinctos escriptores, o verdadeiro fundador das *capellas imperfeitas* foi el-rei D. Duarte, isto é, o que as mandou fazer e lhes deu começo, com o intento declarado de servirem de jazigo para si, para sua esposa, e para os reis e principes seus descendentes.

Segundo uma noticia antiga, manuscripta, que vimos ha bastante tempo, el-rei D. Duarte deixára encommendado em seu testamento que se proseguisse na obra das capellas imperfeitas até ao seu acabamento. Entretanto, não póde isto servir-nos de testimunho, porque tal documento se perdeu, ao que parece, nas ruinas que o terremoto de 7 de janeiro de 1531 causou á torre do castello de S. Jorge, que encerrava o archivo real, e que por este motivo se denominava *torre do Tombo*, nome que ficou ao archivo depois que, destruida quasi de todo a mesma torre pelo terremoto de 1755, se mudou para outro edificio. Supponos que o dito testamento se perderia por occasião d'essa catastrophe, juntamente com muitos outros documentos importantes que então desappareceram, porque o auctor da *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza* diz que debalde o procurára no referido archivo. E bem sabida é a solicitude com que elle investigou e colligiu os outros testamentos reaes e mais documentos com que enriqueceu aquella historia.

Felizmente, porém, não nos faz falta o testamento del-rei D. Duarte para comprovar a nossa asserção. Em favor d'ella vamos apresentar um testimunho não menos auctorisado, porque é tambem de um rei, e neto d'aquelle a quem chamámos *fundador*.

No tomo II das *Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza* vem o testamento del-rei D. Manuel, e n'elle se acha um periodo, a pag. 333, que diz assim: «Item, rogo muito e encomendo que se mandem acabar as capellas da Batalha, n'aquella maneira que milhor parecer, que seja conforme a outra obra, e assy lhe dem entrada para a Igreja do Mosteiro da milhor maneira que parecer, e mandem mudar para ellas, sendo primeiro de todo acabadas, e assy seus Altares, e todas as outras cousas necessarias, *ElRey D. Duarte que foi o primeiro principiador d'ellas*, e assy ElRey D. Affonso V, meu thio, e ElRey D. João, que Deus aja, e o Principe D. Affonso, meu sobrinho.»

Eis-aqui, pois, aclarado e resolvido, de modo authentico, um ponto tão controverso da historia do edificio monumental da Batalha. O que nos faz motivo de reparo é que, sendo o douto patriarcha D. Francisco de S. Luiz tão sabedor de historia patria, e que tendo procedido a tantas diligencias e investigações para elaborar a sua excellente *Memoria Historica*, acima citada, não conhecesse, ou não se lembrasse de consultar o testamento del-rei D. Manuel, que tanta luz derrama não só n'esta questão, mas tambem em muitos outros assumptos da nossa historia.

D'aquella disposição testamentaria tiram-se naturalmente varios corollarios importantes para a materia de que tratâmos.

Em primeiro logar fica demonstrado que não pararam as obras das capellas imperfeitas, como julga o patriarcha D. Francisco de S. Luiz, por ter escolhido el-rei D. Manuel para seu jazigo o mosteiro de Belem, pois que as ditas obras não só continuavam no anno de 1517, em que foi feito o testamento, mas tanto a peito as tinha este monarcha, que, não obstante declarar logo no principio do mesmo testamento que queria ser sepultado no mosteiro de Santa Maria de Belem, dentro da capella-mór [1], recommenda ao seu successor que as acabe e mude para ellas os féretros reaes que estavam em deposito.

Em segundo logar, fica, se não provado, presumivel com muito bom fundamento, que progrediram aquellas obras até ao fim do reinado de D. Manuel, pois não é crivel que as deixasse parar quem, quatro annos antes de morrer, mostrava tanto empenho na sua conclusão.

Devemos, portanto, ter por averiguado, não só que foi no tempo de D. João III que as obras pararam, mas até que não succedeu isso logo no principio do seu reinado, antes continuaram os trabalhos ainda por alguns annos, o que se mostra mui clara e positivamente nas ultimas guarnições de esculpturas que se collocaram nas ditas capellas, e que são ornamentos pertencentes exclusivamente á architectura chamada do renascimento, d'aquelles que nunca figuraram n'esse estilo de architectura de transição, que denominâmos gothico-florido, ou manuelino, como demonstraremos quando descrevermos e fizermos ver em gravura o interior das mesmas capellas.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

CANDIDO LUSITANO

(PADRE FRANCISCO JOSÉ FREIRE)

(Conclusão. Vid. pag. 246)

IV

As versões, que deixâmos apontadas, e varios outros trabalhos do nosso Freire, mais ou menos importantes, existem inéditos e autographos na bibliotheca eborense [2]. Indo ter, não sabemos por que titulo, á casa dos condes de Vimieiro, ahi foram, por fins do ultimo seculo, ou já em principios do actual, comprados pelo illustre Cenaculo. Quando este insigne prelado fundou e dotou, a expensas do proprio cabedal, em beneficio commum, aquelle magnifico estabelecimento, ficaram fazendo parte da valiosa collecção de manuscriptos que n'elle se depositaram. Verdadeiras preciosidades litterarias, ou que ainda são consideradas taes pelos caturras admiradores do passado, embora valham menos que ninharias aos *olhares* de algum auctor de *odes modernas*, ou de outras robustas intelligencias dos nossos dias, que devotados ao serviço da *Ideia* (com inicial maiuscula!), esperam, confiadamente, que em breve lhes será dado virar de avesso o mundo, sequer no papel, para de novo o reconstruirem á sua imagem e similhança!...

De accordo com o pensamento reformador que presidíra á creação da Arcadia, e que então predominava em toda a Europa culta, tinha para si o nosso Candido que o empenho consistia em restituir aos diversos generos, ou, como hoje se diz, manifestações da arte, a correcção da fórma, e a pureza imitativa dos antigos modêlos. Buscavam-se estes nos auctores gregos e latinos, ou nos restauradores francezes do seculo de Luiz XIV, havendo-se tudo o mais por vulgar, incompleto e indigno de imitação.

Se devemos assentir ao voto de julgadores entendidos, as versões de Candido Lusitano, posto que escriptas em linguagem natural, correcta e fluente, peccam, todavia, por diffusas e prosaicas. Accusando no traductor sufficiente intelligencia e conhecimento dos auctores traduzidos, mostram por outra parte que elle se esforçava debalde para supprir com arte e estudo a falta de vocação poetica, que a natureza lhe recusára. Não nos toca decidir se tal conceito é ou não severo em demasia. Vêmos, sim, que essa falta elle proprio a sentia e confessava, com a ingenuidade e franqueza que o caracterisavam, e de que em suas obras nos dá amiudados exemplos; porém, no desejo de ser util, temos que de justiça podia apropriar-se, talvez com mais razão que outros, a divisa que para si tomára, ha perto de vinte seculos, o poeta de Venusa, nos seus sentenciosos e nunca esquecidos versos:

«*Ergo fungar vice cotis, acutum*
«*Reddere quæ ferrum valet, exors ipsa secandi.*»

Ou diremos com outro poeta nosso, sobre quem pesára já n'este seculo, ainda com menos fundamento, em nosso entender, egual arguição:

«*Não voam tanto as pombas como as aguias,*
Mas todas tem logar no ethereo espaço.»

Sejam, porém, quaes forem os defeitos que a critica pretenda descobrir ou exaggerar nos versos de Candido, não podem elles tolher-nos que reconheçamos os desejos em que ardia este benemerito portuguez de tornar-se prestadio a seus patricios, abalançando-se, por servil-os, a emprezas tão arduas, e entre nós raras vezes tentadas. Sejâmos, pois, agradecidos á memoria do indefesso cultor das letras, apreciando na devida conta os nobres e perseverantes esforços de tantos annos, consumidos em graça da instrucção publica e utilidade da patria.

Foi esta ingrata em vida para com Freire, como não poucas vezes o tem sido para com tantos de seus dignos filhos, que mais a illustraram. Applausos estereis, e a estima de seus confrades em Apollo, eis a unica remuneração que obteve de seus trabalhos o distincto oratoriano. Faltou-lhe Mecenas, que por elle se interessasse, collocando-o em situação mais vantajosa. O proprio marquez de Pombal, que, como já escreveu uma illustre penna, gostava de ser adulado, mas não era muito propenso a recompensar os aduladores, tratou-o com desabrimento egual ao que mostrára a outros arcades que tantas vezes o inebriaram de seus incensos, exaltando-lhe a sabedoria em epistolas e canções repassadas de enthusiasmo. As dedicatorias e odes em que, por mais de uma vez, se espraiou nos seus louvores, não grangearam a Freire graça ou favor algum da parte do omnipotente mi-

[1] Diz o testamento: «Item, minha vontade he de minha sepultura ser no Mosteiro de Nossa Senhora de Belem, dentro na capella-mór, diante do altar-mór, abaixo dos degraus, e que se me não faça outra sepultura, senão hua campa cham, de maneira que se possa andar por cima d'ella, e assy mando que se me faça.»

Não lhe satisfez, porém, seu filho a ultima parte d'esta vontade. Em vez de sepultura humilde erigiu-lhe um mausoléo.

[2] Exceptuada a traducção de Virgilio, cujo autographo, comprado ha muitos annos pela academia real das sciencias, se guarda na respectiva bibliotheca.

nistro; ou, pelo menos, não se encontra o minimo vestigio de qualquer attenção que lhe merecessem. O que sim nos attesta a tradição é, que Freire vivêra sempre pobremente; e que, apesar de ser membro da congregação, que lhe fornecia os soccorros indispensaveis para as urgentes necessidades da vida, viu-se por vezes obrigado a acceitar esmolas, e a commetter a baixeza (assim lhe chamava elle) de *pôr as suas obras em almoeda!*

Achando-se, não sabemos a que fim, na villa de Mafra, ahi foi assaltado de uma paralysia. Cedendo á gravidade do mal, para cuja cura foram inefficazes os soccorros medicos, cerrou os olhos á luz da vida mortal em 5 de julho de 1773, na edade ainda florente de cincoenta e quatro annos, em que bem podiam esperar-se novos e copiosos fructos de suas fadigas litterarias. [1]

Os conegos regrantes de Santo Agostinho, que por



Fig. 27 — Kilauea, volcão da ilha Hawaii, uma das Sandwich

aquelle tempo occupavam o convento da referida villa, lhe fizeram os officios funebres, e recolheram as suas cinzas.

Existem d'elle as obras que nos deixou, e o seu retrato, que, passando em 1834 dos dormitorios da congregação para a bibliotheca nacional de Lisboa, ahi se acha convenientemente collocado na casa de entrada, em companhia de outros varões illustres, filhos da mesma e de outras corporações religiosas, e dignos por sciencia e virtudes de honrada commemoração na posteridade.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

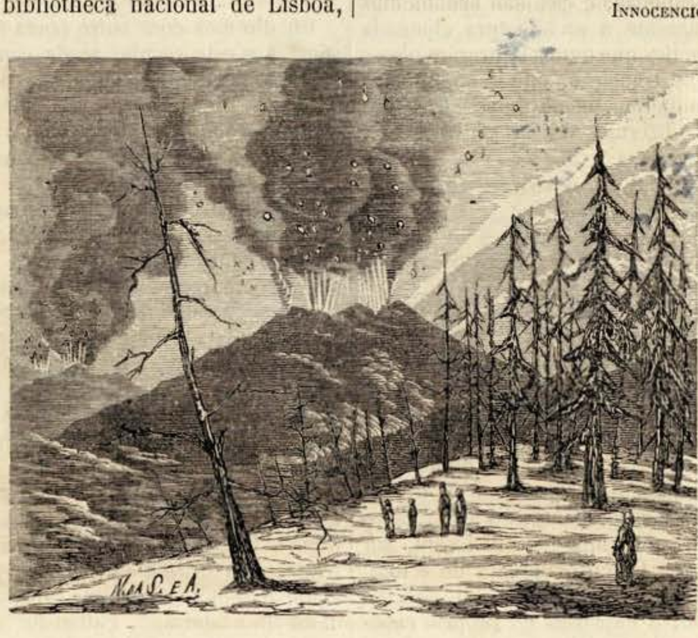


Fig. 28 — Etna, na Sicilia, durante a erupção de 1865

O FOGO

(Vid. pag. 293)

As erupções volcanicas são geralmente precedidas de ruidos subterraneos e tremores de terra. A causa essencial dos terriveis effeitos mecanicos das erupções volcanicas são os vapores de agua. Nas erupções primitivas do granito, porphyro, etc., estas materias em fusão subiram á superficie da terra, e correram sem violencia para fóra, porque o vapor de agua não acompanhava taes substancias.

Nos primeiros momentos de uma erupção volcanica, as pedras que cobrem a cratéra são lançadas ao ar pela acção dos vapores de agua; quando estes vapores se condensam, formam nuvens negras, pelas cinzas

[1] Assim desappareceram quasi simultaneamente tres das mais fortes columnas da Arcadia. Em 13 de julho de 1770 morrêra Domingos dos Reis Quita, e a 10 de novembro de 1772 finára-se na enfermaria da cadeia do Limoeiro o desventurado Garção.

que arrastam, e, caíndo em fórma de chuvas torrenciaes, produzem enormes estragos. Ás vezes as cinzas são levadas pelos ventos a distancias consideraveis. A força mecanica dos vapores lança as lavas por cima da borda da cratéra, formando-se uma torrente de fogo que desce pelas vertentes da montanha, quando esta não é muito elevada. Quando as montanhas são muito altas, abrem-se fendas na sua base, por onde correm as lavas. Logo que se acham ao ar livre, as lavas esfriam e solidificam exteriormente, conservando-se liquidas interiormente durante muito tempo. A velocidade das torrentes de lava é pequena em geral; um homem correndo póde ganhar-lhe terreno.

No interior da cratéra ha geralmente um movimento incessante de ascensão e descensão da lava, interrompido ás vezes por violentas detonações de gazes. No volcão de Kilauea, na ilha de Hawaii, uma das Sandwich, existe um lago de materia fundida de mais de

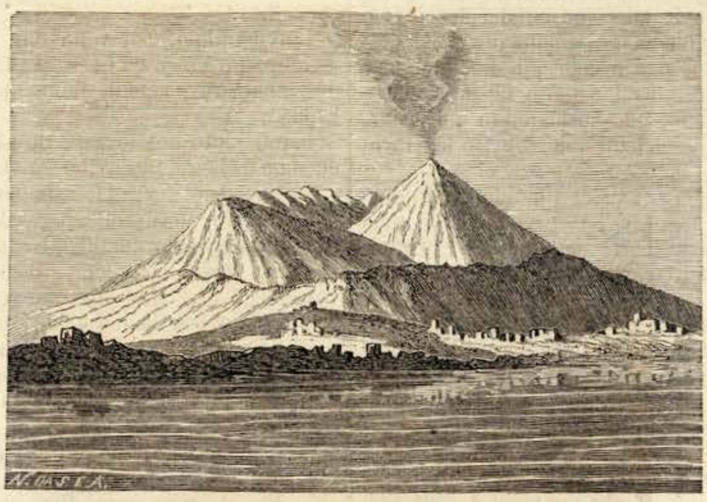


Fig. 29—Vesuvio, em Napoles

500 metros de largura. É a maior cratéra conhecida. É pelas suas grandes dimensões que apresenta maior tranquillidade que as dos outros volcões. Quanto mais estreita é a cratéra maior é a violencia das erupções. O grande lago de fogo de Kilauea cobre-se em grande parte de escorias solidificadas, ficando apenas algumas partes incandescentes; mas, quando se aproxima uma erupção, o mar de fogo agita-se, e a reverberação que se produz na atmosphera é então enorme.

O mais antigo volcão da Europa é o Etna; as suas erupções datam da mais remota antiguidade. Os poetas gregos e latinos cantaram os seus paroxismos.

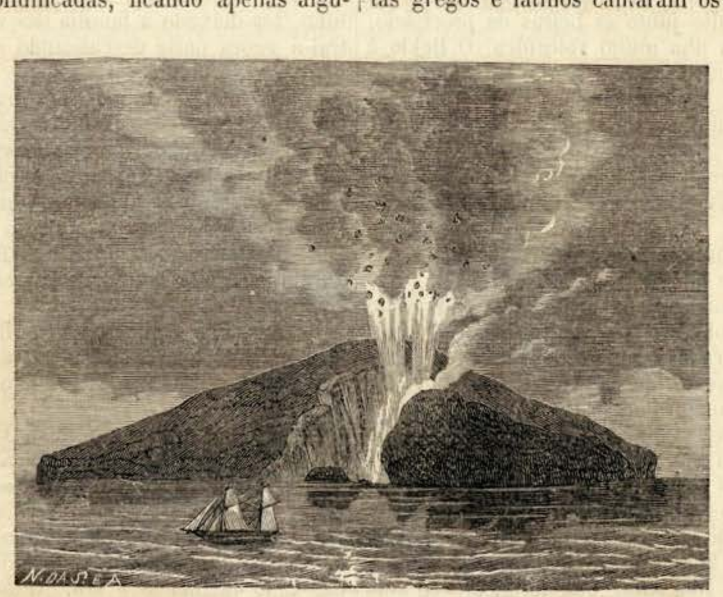


Fig. 30—Stromboli, nas ilhas Lipares

A montanha de Gibel, na Sicilia, apresenta nas suas bases os mais deliciosos jardins; mais acima é rodeada de frondosos bosques; e mais alto começam as rochas nuas e aridas; finalmente, no vértice, a 3315 metros acima do nivel do mar, o Etna está sempre coberto de neve ou de nuvens.

O Etna é accessivel aos observadores até mesmo aos bordos da cratéra. No fundo do abysmo vê-se a lava sempre em evolução.

O Etna não tem a apparencia conica da maior parte dos volcões. Nas suas erupções tem apresentado periodos seculares. A ultima foi em 1865.

A fig. 28 representa uma vista do Etna durante a ultima erupção, tomada do lado nordéste, junto á grande cratéra. Á direita existe o cume do Etna, dominando as alturas do monte Frumento; á esquerda estão quatro bocas, ou cratéras secundarias, que se abriram durante a erupção; na frente está uma floresta de pinheiros; entre esta floresta e as cratéras formou-se um mar de lava liquida e vermelha. Gran-

des massas de vapores se desenvolveram pelo contacto das lavas com os gêlos da montanha. As correntes de lava que se escaparam pelos valles deram logar a cascatas, em que o fogo se misturava com a agua. Grandes estragos produziu esta erupção sobre os bosques e as povoações proximas, chegando a invadir as regiões cultivadas.

O Vesuvio é mais moderno; appareceu no anno de 79, produzindo a sua erupção a destruição das cidades de Pompéa e Herculanum, que ficaram cobertas de cinzas. As excavações feitas em Pompéa tem posto a descoberto uma cidade tal como era ha dezoito seculos. Um terço da cidade, proximamente, está desembaraçado das cinzas que a cobriam. Em quanto á cidade de Herculanum, ficou coberta de uma massa lodosa, dura e compacta, que custa muito a destruir, de modo que apenas se acham a descoberto um theatro e algumas casas.

Antes da erupção de 79, existia a montanha Somma coberta de bosques, lagos e jardins, e era de uma grande fertilidade. Parte d'esta montanha foi precipitada no mar, e na sua concavidade elevou-se o cone do Vesuvio.

As primeiras lavas appareceram na erupção de 1036. Na que houve em 1631, sete correntes de lava destruiram diversas aldeias. Sobre estas lavas edificaram-se as povoações de Torre del Greco, Torre dell'Annunziata, Portici, etc. A ultima erupção notavel succedeu em 1861.

Nas ilhas Lipares, em frente da Sicilia, ha dois centros de acção volcanica. O mais notavel é o da ilha Stromboli. Este volcão está constantemente em actividade ha 2000 annos. A cratéra acha-se 200 metros abaixo do vértice da montanha, tendo uma enorme fenda por onde correm as lavas. De noite fórma um immenso jacto de chammas, que desde remotas epochas serve de pharol aos navios. Póde-se chegar aos bordos da cratéra. Em 1828, Hoffmann visitou-a, fazendo segurar-se pelos seus companheiros, porque o terreno é escorregadio junto ás beiras do precipicio.

A Islandia é uma ilha muito volcanica. O Hekla é o principal volcão activo desde o seculo IX. Além d'estes volcões de lava ha tambem os Geysers, ou volcões de agua fervente, cujas erupções são intermittentes.

Nos Açôres, o principal volcão é o Pico. Em S. Miguel, no valle das Furnas, ha continuamente erupção de vapores.

Na Europa, os unicos volcões em serie são os das ilhas do archipelago da Grecia.

As cadeias volcanicas mais conhecidas são as do Chili e do Mexico, observadas por Humboldt. O mais notavel da cordilheira das Andes é o volcão Cotopaxi. Uma das suas maiores erupções teve logar em 1741. O Jorullo, no Mexico, formou-se em 1759.

Debaixo dos mares tambem se produzem erupções volcanicas; assim, a Sicilia, Islandia, os Açores, etc., são ilhas volcanicas provenientes dos detritos accumulados das erupções. Mas, em geral, taes ilhas desapparecem pela acção das vagas; assim, em 1831, ao noroeste da Sicilia, houve uma grande erupção volcanica, formando-se a ilha Julia, que desappareceu dois mezes depois. Este volcão dependia, provavelmente, do Etna.

(Continua) Francisco da Fonseca Benevides.

Não ha no mundo alegria sem sobresalto; não ha condordia sem dissensão; não ha descanço sem trabalho; não ha riqueza sem miseria; não ha dignidade sem perigo; finalmente, não ha gosto sem desgosto.

Heitor Pinto.

O MAU FILHO

(CONTO POPULAR DE TRUEBA)

(Conclusão. Vid. pag. 290)

IX

É Castro-Urdiales um porto de mar situado a 20 kilometros ds Gueñes, e a 35 de Bilbao. Ha alli mercado ás quintas-feira e aos domingos, e concorrem a elle as padeiras de Guenes, Zala, Sopuerta e outros concelhos.

Um domingo, por volta das dez horas da manhã, dirigiu-se á praça de Castro-Urdiales um mancebo que desembarcára n'aquelle momento no caes chamado da Espada.

Parou junto dos logares de pão, e, aproximando-se de uma padeira, disse-lhe em tom familiar:

— Vae bem a venda, rabugenta de Gueñes?

A padeira encarou-o sobresaltada, mas sem mostrar despeito pelo qualificativo de rabugenta.

— Ou tenho cataractas, respondeu a padeira, ou vossemecê é... Mas elle não era moço tão gentil!...

— Pois a boa Jacintha já não me conhece?

— Seja Deus louvado!— exclamou a padeira, abrindo os braços ao mancebo. É Ignacio!

A padeira e o mancebo abraçaram-se com grande ternura.

— Ó Jacintha, perguntaram as outras padeiras, é seu parente esse guapo moço?

— Não é, mas quero-lhe como se fôra meu filho, respondeu Jacintha chorando de alegria e revelando orgulho. Fui quem primeiro lhe deu de mamar. Como estás bello, meu filho! E crescido! Se tua mãe erguesse a cabeça, ficaria admirada da mudança! Maria, que Deus haja, amava-te muito! Dizia-lhe eu ás vezes: «Por causa d'esse filho emmagrecerás.» O reverendo prior dizia-me: «Deixa-a, Jacintha, porque Ignacio é o beijinho de Maria.» Que immensa dor, meu filho, ter deixado a familia tão viva e junta, e encontral-a agora parte descançando no cemiterio, e parte não se sabe onde!

— Que diz, Jacintha? Meus irmãos não habitam já em Echederra?

— O herege de Baptista vendeu a casa e a herdade ao cesteiro Miguel, e partiu para Bilbao com Joanna.

— Meu Deus! — exclamou Ignacio contristado. Meu irmão vendeu a casa?...

— Baptista não tem entranhas! Os visinhos asseguram que elle matou os paes com successivos desgostos!

Ignacio, em cujos olhos borbulhavam grossas lagrimas, quiz mudar de conversação.

— E como estão o sr. prior, o sobrinho, e a governante?

— Não passam muito bem. O prior está mais velho e enfermo; o sobrinho, andando a caçar, feriu-se com a espingarda, e ainda não se restabeleceu... nem casou com tua irmã, porque, diz Mattheus, não quer casar por em quanto, para não expor aquella pobre menina a ficar viuva na flor da edade. A que vae passando melhor é a sra. Antonia, porque sabe padecer com resignação todas as desgraças, e governa a casa com a maior economia... É boa mulher, santa mulher! Com ella estão bem todas as visinhas e a pobreza do concelho. E a sra. Antonia estima-te; estava sempre a fallar do regresso de Ignacio. Como passaste na America?

— Bem na America, e mal no mar. O navio que trazia os meus teres perdeu-se, e com elle a minha riqueza; por modo que volto pobre como fui.

— Mas salvaste os ossos, e isso é que era necessario. Não te affijas, pois; nunca falta o pão quando ha saude e vontade de ganhal-o. Iremos agora juntos

para Gueñes, porque trouxe hoje ao mercado duas cavalgaduras, e offereço-te uma.

— Agradeço, Jacintha; mas vou embarcar para Bilbao, visto que meus irmãos estão alli. Quero vêl-os antes de ir a Gueñes.

— Fazes bem, meu filho. Verdade é que a Baptista pouca alegria dará o teu regresso... Cá me entendo! Joanna, porém, terá grande jubilo... grandissimo. Não se parece ella com teu irmão... É amiga do trabalho, zelosa no arranjo da casa, meiga... E que mãos tão habilidosas...

Jacintha interrompeu a corrente da loquacidade para vender pão a um marinheiro que se aproximára do logar, e depois accrescentou:

— Queres alguma coisa para Gueñes?

— Recommende-me á sua familia e a todos, que não tardará nos vejamos.

Na madrugada seguinte, Ignacio embarcou-se novamente em uma embarcação que saía para Bilbao, e chegou a este porto horas depois.

Estavam na loja Baptista e Joanna quando Ignacio lhes appareceu.

Os tres soltaram um grito de alegria, e confundiram-se em um só abraço.

Nem se podem descrever os extremos com que Baptista quiz provar a Ignacio o affecto que lhe tinha, nem a felicidade que inundava os corações de Joanna e de seu irmão recem-chegado.

Passadas as primeiras commoções do amor fraterno, Ignacio referiu a seus irmãos as vicissitudes da viagem, e terminou revelando-lhes o que já havia revelado a Jacintha, isto é, que se via miseravel, porque os seus teres haviam sido engolidos pelo Oceano com o navio que os transportava.

Baptista e Joanna conservaram os braços em volta do collo de Ignacio em quanto fallou; mas logo que o primeiro ouviu que o irmão regressava tão pobre como fôra, afastou-se d'elle, como se Ignacio confessasse que estava affectado de molestia contagiosa. Joanna, pelo contrario, apertou-o ainda mais contra o coração; porém, o olhar fito de Baptista, um d'aquelles olhares que havia muito dominavam a infeliz menina e lhe infundiam o terror na alma, poz termo aos testimunhos de affecto com que singelamente queria minorar as desventuras de Ignacio.

— Fiz bastantes sacrificios por causa da nossa familia desde que partiste para a America, disse Baptista; e não me julgo, Ignacio, obrigado a continual-os. Se és pobre, eu tambem sou. Trabalha para ganhar o pão, porque o mais que posso fazer é continuar a trabalhar para o meu sustento e para o de Joanna.

— Queres dizer que me fechas a porta da tua casa! — exclamou Ignacio em tom que provava desgosto profundo. Se me expulsas de teu lar, Baptista, procurarei outro; resgatarei o de nossos paes, vendido sacrilegamente por ti, e viverei n'elle com as minhas recordações, a minha miseria... ou a minha riqueza!

E proferindo estas palavras afastou-se, deixando Joanna derramando amarguradas lagrimas.

— É o ultimo desengano! Tambem ella deixa seu irmão!

Quando Ignacio saíu de Bilbao tomou a estrada de Gueñes. Chegando a Albia, demorou-se para descançar e observar o famoso panorama que d'alli se descobria. Ao longe, no valle do Nervion, sobresaíam as torres de Bilbao, e a insigne basilica de Santiago erguia ao Altissimo, com a voz sonora de seus sinos, um cantico de jubilo. Figurou-se a Ignacio que os sinos dobravam pelas esperanças de felicidade e amor que se lhe tinham emmurchecido no peito.

Logo que descançou, Ignacio seguiu o caminho, triste, melancolico e abatido. A desesperação lavrava-lhe na alma. Passou a ponte de Castregana, como outras muitas, construida pelo demonio, segundo a tradição popular; e, a final, chegou a Sodupe, isto é, entrou no valle nativo. Como deve ser aprazivel, depois de longa ausencia, contemplar o valle em que nascemos!

Ignacio subiu á cúspide de uma collina, que se levantava proximo da estrada, e descobriu d'alli a herdade de Echederra, a casa em que nascêra, simílhante a alva pomba poisada em rosal. N'aquella casa não o esperava já uma boa mãe, tristissima com a ausencia d'elle. Chegando ao campo das cerejeiras, nenhum grito o festejaria n'aquellas janellas; nem mãe, nem pae, nem irmã, nem irmão saíria por aquella porta para o receber com os braços abertos, porque o lar de seus antepassados estava occupado por estranhos, e não lhe dariam licença para entrar n'elle sequer uma vez ainda, para refocillar o animo com as lembranças da infancia!

— Meu Deus! — exclamou o desconsolado mancebo, porque não encontraria sepultura nas ondas do Oceano!

Afastou do delicioso valle os olhos chorosos, e, dirigindo-se para o lado opposto, soltou um grito de alegria, correu para a estrada e recebeu nos braços uma joven que voava quasi, com a anciedade de apertal-o nos d'ella.

Era Joanna, a irmã de sua alma!

— Ignacio!... Ignacio! — exclamou a pobre menina; quero participar da tua pobreza; não posso deixar-te, seja qual for a sorte que nos espere! Faltou-me aindagora a força; mas, apenas saiste, envergonhei-me da minha fraqueza; pensei na tua afflicção e na tua pena, e tive animo para fugir da casa de Baptista, nosso irmão. Ignacio, o nosso bom pae tinha muita razão quando dizia que Baptista era mau filho, e que tinha mau coração... Sabe que Baptista é rico, e deixa-te porque és pobre...

— Não sou pobre, minha querida irmã, exclamou Ignacio com ternura; não sou pobre conservando o teu affecto. O que me faltava era a tua amizade. Possuo immensa riqueza. Quiz-lhes occultar os meus teres, inventando a narrativa que ouviram, para aferir o desinteresse de meus irmãos. Um não me enganou; e do outro recebo agora este novo testimunho, minha prezada irmã... A felicidade está alli.

Ignacio, abraçando novamente Joanna, apontou com a mão para a casa natal, e os dois irmãos continuaram o caminho em ternissima conversação, em quanto os sinos de Santo Isidro de Gueñes convidavam alegremente os fieis para o templo.

X

Decorrêra a primeira quinzena depois do regresso de Ignacio á sua aldeia. Apinhoava-se innumero povo no valle, e ouviam-se os sons dos tambores ao compasso dos sinos no campo que cerca a egreja de Santo Isidro. Celebrava-se a romaria do santo padroeiro, e a ella concorriam os habitantes dos logares circumvisinhos.

Saía a padeira Jacintha da egreja com o chale de flanella e o vestido de estamenha, alegre como todas as aldeãs em dia de festa, e exemplarmente aceiada como as mulheres do nobre senhorio de Biscaya. Como encontrasse na passagem uma visinha, parou e estabeleceu logo conversação, pois, como se viu no capitulo antecedente, Jacintha não deixava a lingua em ocio.

— Vaes á egreja, Margarida?

— Vou ver os noivos.

— *Ella* está linda como um seraphim, e *elle* radiante como um dia de primavera!

— Quem são os padrinhos?

— Quem hão de ser? A sra. Antonia e Ignacio, ou, antes, o sr. Ignacio, porque sendo o habitante mais abastado da parochia, é preciso dar-lhe *senhoria*, em-

bora elle não a acceite de mim e dos que o conheceram na infancia.

— Deus os torne felizes, porque o merecem.

— Merecem, merecem! O reverendo prior até remoçou com a felicidade do sobrinho, e em quinze dias recuperou as côres que lhe davam a mais bella apparencia.

— Tu, que és quasi de casa, poderás referir alguma coisa a respeito do casamento.

— Fui tambem convidada, porque Ignacio não podia esquecer-se da sua ama n'este dia grande. Ouve. Logo que o meu menino voltou da America, dirigiu-se a Gueñes e á casa do sr. prior, e disse a este: «Sou rico, mas careço de pae, de mãe e de um irmão. Deve para isso casar-se Mattheus com Joanna; o sr. prior será meu pae, a sra. Antonia minha mãe, e tu, Mattheus, meu irmão. A riqueza dos filhos pertence tambem aos paes, e a dos irmãos aos irmãos... Saibam, pois, que os bens que adquiri na America são tambem de vossemecês. Não ignoram a razão por que assim procedo, e desculpem-me se não entro em explicações. Viveremos em Echederra na primavera e no estio, e o inverno passal-o-hemos n'esta casa.» Assim que Ignacio fallou d'este modo, abraçaram-se todos e derramaram lagrimas como criancinhas... o caso não era para menos!... Cale-mo-n'os porém... Saem os noivos da egreja. Corrâmos ao seu encontro. Causa prazer vêl-os...

Jacintha e Margarida correram, com effeito, para a porta da egreja.

Joanna e Mattheus acabavam de ser unidos para sempre pelo sr. D. José, o reverendo prior de Gueñes.

Dirigiram-se os noivos, os padrinhos e o sr. prior para a casa d'este ultimo, seguidos do povo que os abençoava com as lagrimas nos olhos, e os festejava com os tambores. Jacintha e Margarida tambem os seguiram, sem deixarem de conversar.

— Que pena, Margarida, que não possam n'esta hora erguer-se da sepultura Martinho e Maria para verem a alegria que reina aqui!

— Assim devia ser, visinha! Hoje é um dia de felicidade para toda a aldeia!

— As esmolas que Ignacio distribuiu aos pobres são bençãos de Deus. Em quanto elle tiver dinheiro, ninguem terá fome em Gueñes; só janta bem quando sabe que todos nós temos jantado. Foi, pois, grande felicidade que Ignacio regressasse rico e bom. E tu não vês as pessoas a quem dá trabalho em Echederra!...

— Está alli fazendo obras?

— Transformou aquelle sitio. Está construindo um palacio... já ha n'elle jardins, tanques, estufas...

— Um palacio!...

— Maior que a egreja. Fica dentro d'elle a casa velha, porque Ignacio não quer que lhe toquem. É homenagem aos paes... Olha, corre por alli o povo... Vamos tambem ver o que se passa na estrada.

E as duas visinhas correram para a estrada real.

O que chamava a attenção do povo que concorrêra á romaria era um robusto mancebo, com as mãos atadas, que, entre quatro soldados, seguia, sem dúvida, para a cadeia de Avellaneda.

— Não conheces, Margarida?! — perguntou Jacintha admirada. É o Baptista!

— É elle! Não ha dúvida.

— Tinha razão Maria quando prophetisava que o seu mau filho Baptista acabaria no degredo!

Baptista quiz descançar para fallar ao cesteiro Miguel, que chegára a uma janella da casa do prior, mas os soldados empuxaram-o com o maior desprezo, e seguiram com elle para Cadágua.

Descobrira-se o auctor do roubo feito em casa de Mattheus. O carvoeiro declarára na cadeia, a final, o segredo que a vileza não podéra sustentar.

O mau filho ia receber o merecido castigo.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

76.°

SYNTAXE DAS PREPOSIÇÕES

(Vid. pag. 296)

Por estes exemplos, tirados de escriptores dos seculos passados e do presente, se mostra que as orações comparativas não pedem grammaticalmente a particula *do*, mas que umas vezes se junta para ensanchar a phrase, e outras para evitar as dissonancias e cacophonias produzidas pelo conjunctivo *que*, indispensavel e impreterivel em taes orações.

Tomemos para demonstração o penultimo exemplo que apontámos. É de Almeida Garrett (visto que para estas audiencias não é costume citar os vivos).

Diz elle: «Nenhuma acção mais dramatica, mais tragica *do* que esta.» — Se lhe não juntasse a preposição, ou antes, a particula *do*, manifestava-se a cacophonia produzida pela ultima syllaba do adjectivo tra*gica*, junta á conjuncção *que*.

No mesmo caso está o seguinte, que se lê no t. III, pag. 31, do *Romanceiro* do mesmo auctor:

«Tal é o argumento da cantiga portugueza, muito mais romanesca *do* que o das escocezas.»

Pelo contrario, o mesmo auctor, no exemplo duodecimo dos que apontámos, do seu drama *Fr. Luiz de Sousa*, escreve: «A quem queres mais *que* a mim», sem a particula, porque não era necessaria.

Quem se atreverá a escrever: «Elle é mais rico que ella»? Ou se ha de inverter a oração por um hyperbato vicioso: «É mais rico elle que ella» ou então inserir-se antes de *que* a particula *do*. E assim em casos similhantes.

Entretanto, temos exemplos d'este grande poeta e prosador, onde achamos a referida particula empregada, talvez, superfluamente.

Além dos que já transcrevemos a pag. 256, extrahidos do drama *Fr. Luiz de Sousa*, lembra-nos o seguinte do t. III, pag. 31, do *Romanceiro:*

«Não o presinto (o romance de D. João) mais antigo *do* que o seculo XV ou principios do XVI.»

Est'outro, porém, necessitava da ensancha *do*, para arredondar a phrase: «Mais parece alludir a uma anecdota sabida, *do* que recontal-a.» *Romanceiro*, pag. 14, t. III.

Agora que temos exposto os exemplos do uso que de tal particula se deve fazer nas orações comparativas, diremos que a grammatica das linguas nossas congeneres não a pede.

Em latim: *Magis doctus* quam (mais douto *que*). *Minus doctus* quam (menos douto *que*).

Em italiano: *Piu bella* che'*l sole* (mais bella *que* o sol).

Em hespanhol: *No quiero mas* que *darle un vistazo* (não quero mais *que* dar-lhe uma vista d'olhos).

Em francez: *Plus éloquent* que *Cicéron* (mais eloquente *que* Cicero).

Na lingua franceza, quando ao *que* comparativo se segue algum verbo no infinito, é de rigor a preposição *de* entre o conjunctivo *que* e esse verbo; pelo que um auctor d'aquella nação, fallando da nossa lingua, disse que a mesma regra seguiamos nós, com a differença de transpormos a preposição; mas já vimos pelos exemplos citados, que tal não ha; e para prova basta recorrer aos adagios, taes como: Mais vale suar *que* enfermar. — Mais vale guardar *que* pedir. — Mais vale rodear *que* afogar. — Mais vale calar *que* mal fallar. — Mais vale o saber *que* o haver. — Melhor é comprar *que* rogar. — Melhor é descoser *que* romper.

Temos dito quanto basta sobre as orações comparativas; agora passemos a outras phrases onde se intromette a preposição *de*.

SILVA TULLIO.